



Trabalhos Científicos

Título: Óbitos Femininos Por Abortamento Espontâneo No Brasil: Análise De 2004 A 2022

Autores: LIGIA LUANA FREIRE DA SILVA (UNINOVE), LETÍCIA HANNA MOURA DA SILVA GATTAS GRACIOLLI (FACULDADE MEDICINA DE JUNDIAI), KARINE MAGALHÃES SANTOS (UFMG), TALITA DE ARAÚJO SALGADO LOPES (UNINOVE), YASMIN DA SILVA MOURA (UNIVERSIDADE SALVADOR), JULIA ISUME (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

Resumo: Introdução: A mortalidade feminina por abortamento espontâneo no Brasil, entre 2004 e 2022, reflete as desigualdades no acesso à saúde e as condições socioeconômicas das mulheres. O abortamento espontâneo, embora comum, pode resultar em complicações graves e óbitos maternos, especialmente em regiões com baixa infraestrutura de saúde. O estudo sobre esses óbitos, com base em dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), revela disparidades regionais e a influência de fatores como o acesso inadequado a cuidados obstétricos e a vulnerabilidade social das gestantes. A redução dessas taxas exige políticas públicas focadas na equidade no acesso à saúde, ampliação da educação em saúde e melhoria das condições de atendimento obstétrico em todo o país.
Objetivos: O objetivo do presente trabalho foi realizar o levantamento epidemiológico acerca dos óbitos femininos, devido a abortamento espontâneo no Brasil, entre 2004 a 2022.
Metodologia: O presente estudo trata-se de um estudo epidemiológico ecológico, descritivo, transversal e retrospectivo. Os dados foram coletados a respeito dos óbitos femininos por abortamento espontâneo no Brasil notificados no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM). A coleta dos dados foi realizada em 2025, sendo selecionados os dados relativos aos óbitos por mortalidade feminina por abortamento espontâneo no Brasil. Utilizou-se as variáveis: número de óbitos anuais, região, idade e raça (CID O03).
Resultados: Entre 2004 a 2022 houveram 256 óbitos femininos no Brasil, devido ao abortamento espontâneo. Esses óbitos foram divididos nas seguintes regiões: i) Região Norte: 26 (10,1%), ii) Região Nordeste: 73 (28,5%), iii) Região Sudeste: 92 (35,9%), iv) Região Sul: 35 (13,6%) e v) Região Centro-Oeste: 30 (11,9%). A distribuição anual dos óbitos femininos se deu: 1) 2004: 17 (6,6%), 2) 2005: 10 (3,9%), 3) 2006: 21 (8,2%), 4) 2007: 8 (3,1%), 5) 2008: 9 (3,5%), 6) 2009: 8 (3,1%), 7) 2010: 5 (1,9%), 8) 2011: 8 (3,1%), 9) 2012: 13 (5%), 10) 2013: 13 (5%), 11) 2014: 14 (5,4%), 12) 2015: 11 (4,3%), 13) 2016: 11 (4,3%), 14) 2017: 23 (9%), 15) 2018: 24 (9,3%), 16) 2019: 10 (3,9%), 17) 2020: 14 (5,4%), 18) 2021: 15 5,8%) e 19) 2022: 17 (6,6%). Os óbitos foram divididos nas seguintes faixas etárias: 1) 10 a 14 anos: 5 (1,9%), 2) 15 a 19 anos: 34 (13,3%), 3) 20 a 29 anos: 101 (39,5%), 4) 30 a 39 anos: 101 (39,5%), 5) 40 a 49 anos: 15 (5,8%). A distribuição racial dos óbitos se deu: 1) Branca: 92 (35,9%), 2) Preta: 23 (9%), 3) Parda: 121 (47,3%), 4) Indígena: 9 (3,5%) e 5) Ignorado: 11 (4,3%).
Conclusão: Conclui-se que no período analisado, entre 2004 a 2022, houveram 265 óbitos infantis. Os anos de 2018 e 2017, as faixas etárias 20 a 29 anos e 30 a 39 anos e a cor parda foram os dados epidemiológicos com maior número de óbitos no período analisado. Demonstrando a importância do monitoramento do abortamento espontâneo na saúde da mulher.